

Suellen Schmidt de Andrade

**COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E COMUNIDADE: NOVAS  
ESTRATÉGIAS, VELHOS DESAFIOS**

CELACC/ECA – USP

2013

Suellen Schmidt de Andrade

**COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E COMUNIDADE: NOVAS  
ESTRATÉGIAS, VELHOS DESAFIOS**

Trabalho de conclusão do Curso de  
Especialização (*latu sensu*) em  
Gestão de Projetos Culturais e  
Organização de Eventos produzido  
sob a orientação do Professor Dr.  
Silas Nogueira

CELACC/ECA – USP

2013

*A reflexão ética pressupõe a  
suspensão da cotidianidade.*

***Maria Lúcia Barroco***

## SÚMARIO

Introdução .....	05
Da comunidade para a comunidade .....	06
Uma comunidade para a comunicação comunitária .....	10
Comunicação de resistência .....	13
Mais formação para informação .....	14
Desafios da gestão .....	15
Considerações finais .....	18
Referências .....	19

## COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E COMUNIDADE: NOVAS ESTRATÉGIAS, VELHOS DESAFIOS

Suellen Schmidt de Andrade<sup>1</sup>

### Resumo

Trata-se da apresentação da experiência de uma organização não-governamental, atuante no âmbito da política de assistência social e educação, instituída há mais de um século na cidade de São Paulo, na implantação e desenvolvimento de um projeto de comunicação comunitária, intitulado como “Conectados”. Iniciado em 2011 têm como principais ações à criação de uma rádio virtual e a oferta de oficinas, com vista no aprendizado sobre técnicas pertinentes a produção de programas. Serão abordados e relacionados com este trabalho os atuais conceitos de comunidade, as formas de participação da população e os desafios e dificuldades em sua gestão.

**Palavras-chaves:** comunicação comunitária - rádio virtual - participação

### Abstract

This is the presentation of the experience of a non-governmental organization, operating under the policy of welfare and education, established more than a century in the city of São Paulo, in the implementation and development of a community communication project, titled "Connected". Started in 2011 as the main actions are the creation of a virtual radio and offer workshops, aimed at learning about the production of relevant technical programs. Will be discussed and related to this study, the current concepts of community, the forms of participation of the population and the challenges and difficulties in their management.

**Keywords:** community communication - virtual radio - participation

### Introdução

Em tempos de globalização e novas tecnologias o mundo vem passando por grandes transformações. A cada momento nos chega informações de toda parte do globo, seja por meio da televisão, rádio, impressos, internet. Hoje é tão mais fácil estar por dentro dos acontecimentos do outro lado do mundo do que do próprio bairro. São acontecimentos de todos os gêneros, desde o lançamento do quadragésimo filme do “fulano” de Hollywood, até sobre os últimos atentados terroristas em terras chinesas. Não só as informações, mas os produtos artísticos surgem como tsunamis em nosso cotidiano. Basta sintonizar o rádio para conhecer o novo “sucesso” pop do momento. Agora se o ouvinte irá entender a letra, é uma questão de conhecimento da língua inglesa.

(...) a globalização do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório, propicia o desenvolvimento de relações, processos e estruturas de dominação

---

<sup>1</sup> - Suellen Schmidt de Andrade. Pós-graduanda em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, da Universidade de São Paulo. Bacharel em Serviço Social pela Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano do Sul. Endereço eletrônico: suellenschmidt@hotmail.com – Orientador: Prof. Dr. Silas Nogueira.

política e apropriação econômica de alcance mundial. Alteram-se as formas de sociabilidade e os jogos das forças sociais, no âmbito de uma vasta, complexa e contraditória sociedade civil mundial em formação (...) desenvolvem-se tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas que agilizam, intensificam e generalizam as articulações, as integrações, as tensões, os antagonismos, as fragmentações e as mudanças socioculturais e político-econômicas, pelos quatro cantos do mundo. (IANNI, 2000, p. 144)

Em meio a tantos recursos, tantas informações e apropriações globais, como ficam as relações comunitárias? De que forma organizações sociais estão utilizando as novas tecnologias e ferramentas de comunicação no trabalho com a comunidade? Como esta comunidade percebe e se apropria desses recursos? Para compreender melhor esta relação pretende-se aqui apresentar a experiência da Fundação Nossa Senhora Auxiliadora do Ipiranga, organização atuante desde 1896 no bairro do Ipiranga, na cidade de São Paulo. Presta serviço no âmbito da política de assistência social e educação por meio de sete Unidades de atendimento, as quais atende desde bebês até idosos. Buscando aprimorar suas ações e possibilitar novas formas de aproximação, envolvimento e prestação de serviço à comunidade, em 2011 iniciou um projeto de comunicação comunitária. O projeto utiliza uma rádio virtual como forma de aproximar a comunidade dos meios de comunicação. Tem como objetivo não apenas disponibilizar na web informações acerca da região, mas espaço de formação, por meio de oficinas de rádio, propiciando o conhecimento de técnicas para produção de programas.

Na busca de melhor compreensão deste cenário, foi realizado levantamento de dados estatísticos sobre o projeto, seu histórico, assim como da organização que o gerencia, realizado também entrevistas semi-estruturadas com os atuais gestores do projeto, profissionais atuantes em outros serviços da própria organização, profissionais de organizações parceiras e com os participantes das oficinas de rádios<sup>2</sup>. Por meio dessas ações pretendeu-se adquirir dados acerca do método utilizado no desenvolvimento do projeto, o cumprimento de seus objetivos, a participação dos profissionais da organização e população da região nas ações realizadas e sua forma de sustentabilidade e gestão. Contudo, busca-se entender se é possível um projeto social, envolvido no âmbito local, alcançar e manter seus objetivos utilizando como recurso uma rádio virtual.

Para tanto, a luz dos conceitos de Zygmunt Bauman, este estudo inicia com a definição de comunidade na contemporaneidade. No trato da relação do território com seus moradores, utilizou-se como principal referência os pensamentos de Milton Santos. Cícilia Peruzzo embasa a análise do desenvolvimento do projeto, quando utilizado da comunicação alternativa como recurso de intervenção e possibilidade de mudança social. O uso dos meios de comunicação no processo de educação é explorado por meio dos conceitos de Moacir Gadotti.

### **Da comunidade para a comunidade**

A Fundação Nossa Senhora Auxiliadora do Ipiranga – FUNSAI, organização idealizadora do projeto em questão, surge em 1896, em São Paulo, instituída pelo Conde José Vicente de Azevedo, na cidade de São Paulo, para acolher e educar crianças órfãs. 116 anos depois, a FUNSAI, como instituição de assistência social e educação, atua na prestação de serviços a indivíduos e famílias, visando o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários. Atualmente com 184 funcionários e 55 voluntários, realiza atendimento médio<sup>3</sup>

<sup>2</sup> - Realizadas 41 entrevistas, no período de março a abril de 2013.

<sup>3</sup> - Entende-se por “médio” número aproximado de atendimentos, já que estes, mesmo se aproximando, não chegam todos os meses a exatidão.

mensal para cerca de 1.300 pessoas, totalmente gratuito, em suas sete Unidades de administração direta, localizadas próximas umas das outras: CAJ – Centro de Apoio à Juventude, para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos; Unidades de Educação Infantil, para crianças de 0 a 3 e 3 a 6 anos; duas Casas de Acolhimento para crianças e adolescentes; Centro de Convivência Vivavida, de atendimento ao Idoso e o Quixote - Espaço Comunitário<sup>4</sup>.

A instituição atende indivíduos e famílias do bairro do Ipiranga e imediações<sup>5</sup>, território com entorno de 37 km<sup>2</sup>, e população de aproximadamente 500 mil habitantes<sup>6</sup>. Todos seus serviços e projetos estão voltados ao cumprimento das normas e diretrizes estabelecidas pela Política Nacional de Assistência Social<sup>7</sup> e as Diretrizes e Bases da Educação Nacional<sup>8</sup>. Desta forma, a articulação com instituições e a população do território de atendimento, no âmbito de suas dificuldades, experiências e expressões culturais é pressuposto essencial para o desenvolvimento das atividades.

Em 2011, percebendo a necessidade de propiciar um recurso onde os usuários dos serviços, funcionários e a população do entorno pudesse interagir, expor suas idéias, apresentar e divulgar suas criações artísticas, informar e ser informado dos acontecimentos da comunidade deu início ao projeto “Conectados”. Como ação do projeto criou-se uma rádio virtual<sup>9</sup> e atividades, com vista à formação da população ao uso desta ferramenta, por meio de oficinas, suporte técnico para criação e elaboração de programas. O projeto foi financiado pelo Programa VAI<sup>10</sup>, da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e implementado com recurso fornecido pelo Instituto Projeto Esperança<sup>11</sup>.

<sup>4</sup> - Dados obtidos por meio do Relatório de Atividades de 2012 da instituição e entrevista com os profissionais.

<sup>5</sup> - Bairros de atendimento: Ipiranga, Cursino e Sacomã. O foco nas regiões citadas não impede o atendimento a outros bairros, até mesmo município, desde que haja disponibilidade de vaga nos serviços.

<sup>6</sup> - Dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de São Paulo, com referência do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no período de 2010. Disponível em [www.prefeitura.sp.gov.br](http://www.prefeitura.sp.gov.br), no link “Dados”.

<sup>7</sup> - PNAS-2004. Dentre os serviços prestados no âmbito da Política de Assistência Social, objetiva-se a proteção social de indivíduos e famílias. São uma de suas ações a segurança de convívio ou vivência familiar: através de ações, cuidados e serviços que restabeleçam vínculos pessoais, familiares, de vizinhança, de segmento social, mediante a oferta de experiências socioeducativas, lúdicas, socioculturais, desenvolvidas em rede de núcleos socioeducativos e de convivência para os diversos ciclos de vida, suas características e necessidades. Da Proteção Básica: tem como objetivos prevenir situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Disponível em [www.mds.gov.br/assistenciasocial](http://www.mds.gov.br/assistenciasocial).

<sup>8</sup> - Lei nº 9.394/96. Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: VI – articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com escola. Art. Os docentes incumbir-se-ão de: VI – colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade. Art. 28. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. Disponível em: [portal.mec.gov.br](http://portal.mec.gov.br), no link “Legislação”.

<sup>9</sup> - Comumente utiliza-se o termo “web rádio” ou “rádio web” para definir meio de comunicação do formato da rádio do projeto “Conectados”. No entanto, nesta exposição, o recurso será indicado como “rádio virtual”, tendo como referência a definição utilizada pela profa. Dra. Cícilia Peruzzo (2011).

<sup>10</sup> - Programa de Valorização de Iniciativas Culturais. Criado em 2003, têm finalidade de apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões do município desprovidas de recursos e equipamentos culturais. Disponível em: [programavai.blogspot.com.br](http://programavai.blogspot.com.br), no link “Sobre o VAI”.

<sup>11</sup> - O projeto visa a arrecadação de recursos para destinação á organizações sociais, no apoio a seus projetos. Disponível em: [institutoprojetoesperanca.wordpress.com](http://institutoprojetoesperanca.wordpress.com).

No início do seu processo de implantação, na compra de equipamentos, instalação e criação do site, uma das maiores preocupações da equipe<sup>12</sup> responsável pela gestão do projeto era no envolvimento e participação de seu público-alvo. Desta forma, realizaram algumas ações objetivando a apresentação do projeto aos seus próprios serviços, organizações sociais do entorno e população da região. Aconteceram reuniões com os funcionários de todas as Unidades de atendimento, uma série de contatos telefônicos e via e-mail às organizações sociais e escolas da região, distribuição de cartazes, panfletos, anúncios em jornais e revistas, além de exposições e concursos culturais.

Foi um momento de verdadeira mobilização no intuito de anunciar o novo canal de comunicação da comunidade e, para além, a possibilidade de pessoas de todas as idades se apropriarem das técnicas para seu uso. Fazem parte das disciplinas das oficinas de rádio: interação com os equipamentos, aula prática e teórica de locução e sonoplastia, produção de texto, uso da linguagem AM e FM, história do rádio, história da internet, noções de legislação, noções de dicção e produção de laudas e roteiros.

O estúdio da rádio, que consiste em equipamentos básicos a execução do trabalho, está instalado na Unidade VII da instituição, o Quixote – Espaço Comunitário. No local acontecem diversas atividades culturais, principalmente destinadas aos adolescentes, como: oficinas de teatro, dança, percussão, capoeira, circo, canto e música corporal, além de apresentações abertas à comunidade e exposições artísticas. O estúdio, de aproximadamente 20m<sup>2</sup>, é também local onde acontecem as oficinas.

Estando a rádio virtual em pleno funcionamento<sup>13</sup>, num misto de programas feitos por alunos das oficinas, moradores do entorno e profissionais da instituição, além de oficinas em “pleno vapor”, o projeto teve condições de ampliar suas ações, após financiamento do Instituto Projeto Esperança. A aplicação do recurso foi destinada a compra de novos equipamentos para realização de atividades itinerantes, onde se propôs levar até as escolas e organizações sociais a experiência de produzir e realizar um programa de rádio. Mais uma ação na busca do envolvimento da população na dinâmica de um meio de comunicação comunitário e na disponibilização de novas vivências e aprendizado a população.

Em seu segundo ano de realização, a pedido dos participantes das oficinas, abriu mais um módulo de formação: oficina de rádio II. Esta, destinada aos participantes das oficinas anteriores, agora intitulada rádio I, e a pessoas que já possuem conhecimentos básicos na área, são oferecidos técnicas mais avançadas, como: novas tecnologias, produção de rádio virtual, meios de transmissão, publicidade, criação de projetos e a possibilidade de participação nas ações itinerantes.

Agora, perto de seu terceiro ano de execução, além das oficinas de rádio I e II há outra destinada a educadores, que além do acesso ao conhecimento comum as outras oficinas, estes participam de discussões sobre o uso da comunicação em seus ambientes de trabalho, principalmente no desenvolvimento de atividades com crianças e adolescentes. São considerados “multiplicadores”.<sup>14</sup> Outra nova metodologia aplicada foi à abertura de uma oficina de rádio I, voltada exclusivamente á deficiência visual<sup>15</sup>. Trata-se de adolescentes

---

<sup>12</sup> - Formado por três pessoas: 2 com formação em comunicação social e 1 em serviço social. Atualmente o quadro numérico e de formação dos gestores continua o mesmo, no entanto, com alteração de funcionário.

<sup>13</sup> - Acesso: [www.radioconectados.com.br](http://www.radioconectados.com.br).

<sup>14</sup> - Pessoas que visam passar o conhecimento adquirido a outras pessoas ou a utilizar em trabalho para elas beneficiar.

<sup>15</sup> - Baixa visão e cegueira.



estudantes do ensino fundamental em uma organização não-governamental<sup>16</sup> da região, que atua preponderantemente com este público.

Em 21 meses de execução, são 5 turmas formadas por meio das oficinas e 4 em formação, num total de 77 participantes. Destes, pouco mais da metade é do gênero masculino, quase 80% formado por adolescentes, 83% residem na região, 62% são estudantes do ensino fundamental e 28% com ensino médio concluído ou cursando. Entre os motivos que levam á procura das oficinas estão: aprendizado, vontade de atuar na área, curiosidade, o gosto por rádio e informática e a compreensão do modo de conduzir uma rádio. Há aqueles que pretende utilizar o conhecimento adquirido na atual ou futura profissão, criar sua própria rádio virtual, produzir programas para rádios, criar canal de vídeo na internet, aperfeiçoar a dicção, melhorar a atenção e criar novas atividades na organização onde trabalha.

Neste período foram criados 44 programas, dos quais 36 produzidos por participantes das oficinas e moradores da região. No entanto, poucos são os programas que sobrevivem à conclusão das oficinas, mas, ao mesmo passo que um programa sai da grade, outro toma seu lugar. Durante as 24 horas que a rádio virtual está disponibilizando programação, o internauta pode ouvir programas de todos os tipos: notícia, espiritualidade, músicas de diversos segmentos, contação<sup>17</sup> de histórias, entrevistas, rádio novela, esporte, vídeo-game, entre tantos outros. Outro meio de informação e interação que o projeto proporciona ao internauta é no *layout* do site. Neste é possível acessar informações mais detalhadas sobre o projeto, se informar sobre eventos, notícias, realizar inscrições para oficinas, visualizar a grade de programação e conhecer seus executores, deixar recados no mural, enviar perguntas, solicitar músicas ou divulgar algumas informação, acessar as redes sociais, ver imagens e vídeos das atividades do projeto.

A maior parte dos participantes do projeto considera a rádio virtual como sendo diferente das outras tantas disponíveis na internet, já que em sua programação há conteúdos que nas outras não têm e é feita por eles próprios, como apontam: “Em nenhuma outra rádio você tem a oportunidade de aprender, abre espaço para você conhecer.”<sup>18</sup> “Todos que passam por aqui começam do zero e saem realmente montando programas de rádio”<sup>19</sup>. “Seu conteúdo é feito pela comunidade e para a comunidade e visa muito à interatividade da mesma”<sup>20</sup>. “O ouvinte se identifica bastante com o locutor acompanhando o seu desempenho durante o curso”<sup>21</sup>. “Fala de coisa que geralmente não tem nas outras”<sup>22</sup>.

A participação dos profissionais e usuários dos outros serviços da própria instituição ainda é tímida, principalmente pela expectativa de interação que se tinha com esses. Em entrevistas, diretores, coordenadores e educadores apresentaram interesse em se envolver mais nas ações do projeto, mas apontam não saber direito de que forma esta se daria. Atualmente a participação se faz mais pela divulgação de eventos. Atividades com os usuários dos serviços são realizadas, à medida que os gestores se propõem a ação.

A dificuldade de aproximar os serviços do projeto é um dos problemas que os gestores apontaram ter em seu desenvolvimento, tendo outros como: necessidade de melhoria na infraestrutura, de aquisição de equipamentos, dificuldade de apoio financeiro e em realizar

<sup>16</sup> - Instituto de Cegos Padre Chico.

<sup>17</sup> - Contação: palavra comumente usada para definir o ato de contar histórias, narrar, promover saraus literários onde existe a figura do contador de história dando voz a contos e histórias. Fonte: [www.dicionarioinformal.com.br](http://www.dicionarioinformal.com.br)

<sup>18</sup> - Ana Luiza Marcenari, 15 anos.

<sup>19</sup> - Fabrício Vieira de Araujo, 46 anos.

<sup>20</sup> - Thiago Clementino Barroso, 20 anos.

<sup>21</sup> - Gabriel Guimarães Garcia, 17 anos.

<sup>22</sup> - Victor Filgueiras, 17 anos.

todas as atividades desejadas. Esta última, principalmente pelo fato destes profissionais estarem envolvidos em outras atividades na instituição.

Já algumas organizações sociais<sup>23</sup> da região se mostram mais dispostas à participação, até mesmo como meio de aprendizado e/ou aperfeiçoamento de técnicas utilizadas na dinâmica de suas atividades. Participam das oficinas, realizam programas, utilizam o estúdio para produção de material a ser utilizado em suas instituições de trabalho. O estúdio também é frequentado por moradores da região. Tem os que vão apenas para conhecer, os interessados em realizar programa, alguns buscam conteúdo para os trabalhos escolares e outros apoio técnico para produção gráfica, produção e edição de vídeos e gravações de áudio.

Em relação aos acessos, à rádio virtual desde seu início passou por variações, normalmente crescentes, de visitantes: 362 à 1.035/mês. Calcula-se uma média de 609 acessos/mês. Em períodos em que há mais entrevistas e divulgações nas redes sociais, percebe-se o aumento de visitas. Pressupõe que a maior parte dos acessos se dá pelos participantes do projeto, mas as estatísticas fornecidas pelo site de hospedeiro da rádio apresentam fiéis internautas de outros países como: Portugal, Alemanha, Argentina e Japão. Foram ao todo internautas de 24 países que por lá passaram.

Desde o ano passado busca-se ampliar o projeto, no que se refere ao espaço físico, e até o número e tipos de oficinas disponíveis. Principalmente por solicitação de seus participantes, pretende-se oferecer oficinas de produção de vídeo e criar um canal de divulgação e disponibilização do conteúdo na internet. A proposta visa ampliar o conhecimento e apropriação de novas técnicas do “mundo da comunicação”. Já há um espaço bem mais amplo disponibilizado pela instituição, para o desenvolvimento das novas ações, no entanto, o desafio de conseguir financiamento para sua efetivação persiste. Outra busca árdua é na manutenção de uma comissão, formada por participantes, profissionais da instituição e de organizações parceiras. Cabe a esta comissão, entre outras coisas, buscar estratégias de envolvimento de outros atores da sociedade na programação, cuidar que se garanta espaço na grade para a diversidade e livre expressão da população.

Entre avanços e obstáculos, os gestores estão sempre buscando apresentar as experiências com o projeto a outras organizações sociais, visando à troca de idéias, proporcionarem inspirações e serem inspirado. Com essa intenção é que em maio de 2012 a experiência foi apresentada em um Encontro Nacional de Pesquisadores<sup>24</sup>, na cidade de São Paulo.

Contudo, o projeto se apresenta como recurso de aproximação, interação e valorização das expressões da população de uma região, parte da maior metrópole do Brasil. Utilizando, para tanto, estratégia que não se delimita à quilômetros quadrados, e menos ainda à números de “habitantes”. Como meio de comunicação e formação comunitária, o projeto completará dois anos de existência, tendo entre suas metas, uma que persiste desde sua implantação: o envolvimento da população nas ações.

### **Uma comunidade para a comunicação comunitária**

Forma de organização social em que uma pluralidade de indivíduos vivem juntos e têm interesse e objetivos comuns. Qualidade ou estado do que é comum; comunhão. Concordância, conformidade, identidade<sup>25</sup>. São essas algumas definições de “comunidade”, que para além das páginas do dicionário está no imaginário da população, conforme se aprende desde as carteiras escolares, ou mesmo nas orientações intrafamiliares.

<sup>23</sup> - Instituto Cristovão Colombo, Instituto de Cegos Padre Chico, Instituto Sagrada Família.

<sup>24</sup> - ENAPEGS//2012 - VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social.

<sup>25</sup> - Dicionário Aurélio/ 2010.

É desta comunidade que trata as belas frases que descrevem as políticas públicas no Brasil. Como meta estão: atendimento das comunidades em suas carências e necessidades, o respeito a suas tradições, a garantia da participação, a disponibilização de espaços de discussão e construção das políticas públicas. São grupos que possuem algo em comum, seja por posicionamento territorial, história e/ou ideais, e para tanto, estariam dispostos a se unirem ideologicamente para a transformação, ou apenas resistência às mazelas sociais.

Todavia, a união que pressupõe uma comunidade prevê laços de pertencimento, permanência, projeção de futuro, responsabilidade pelo coletivo, tarefa difícil numa sociedade que Bauman define como “líquida”, onde “nada nele permanece o mesmo durante muito tempo, e nada dura o suficiente para ser absorvido, tornar-se familiar e transformar-se no que as pessoas ávidas de comunidade e lar procuravam e esperavam” (BAUMAN, 2003, p. 46). Para ele, essa comunidade que prevê a segurança de seus membros, a troca, o apoio e a luta ainda está muito longe de nosso alcance:

“(...) a comunidade *realmente existente* se parece com uma fortaleza sitiada, continuamente bombardeada por inimigos (muitas vezes invisíveis) de fora e frequentemente assolada pela discórdia interna; trincheiras e baluartes são os lugares onde os que procuram o aconchego, a simplicidade e a tranquilidade comunitária terão que passar a maior parte do seu tempo” (2003, pag. 19).

O fato de a sociedade ser um campo de relações formadas por vínculos fragilizados, sem o compromisso da continuidade, da angústia da durabilidade em tempo do descarte e fluidez, Bauman apresenta a “identidade” como substituta do significado ideológico de “comunidade”, “(...) a palavra do dia e o jogo mais comum da cidade, deve a atenção que atrai e as paixões que desperta (...) (2003, p. 20)”. A busca da segurança, do aconchego, do pertencimento não está escassa, mas permeia ao ambiente da individualidade.

A “identidade” supre a necessidade da aproximação, do reconhecimento e da sensação de segurança sem o estabelecimento de vínculos de longo prazo. Viver em um lugar, participar de uma atividade da região em que residimos, não necessariamente nos faz parte de uma comunidade, mesmo que haja expressões de identificação entre seus membros. O que para tantos o conceito de “identidade” se constitui na consequência de uma força de resistência e comunhão, para Bauman expressa à aparência buscada pelo indivíduo, com vista na felicidade em uma confortável vida em si mesmo. E é desta fonte que emerge o que ele chama de “comunidade estética”, sendo este “o campo preferencial que alimenta a indústria do entretenimento: a amplitude da necessidade explica em boa medida o sucesso impressionante e contínuo dessa indústria” (2003, p. 63).

Os ídolos realizam um pequeno milagre: fazem acontecer o inconcebível; invocam a “experiência da comunidade” sem comunidade real, a alegria de fazer parte sem o desconforto do compromisso. (...) A comunidade que se formam em torno deles são comunidades instantâneas prontas para o consumo imediato – e também inteiramente descartáveis depois de usadas. (...) O truque das comunidades estéticas em torno de ídolos é transformar a “comunidade” – adversária temida da liberdade de escolha – numa manifestação e conformação (genuína ou ilusória) da autonomia individual. (2003, p. 66)

Nesta “fábrica de entretenimento”, que tem como um de seus principais e dedicado “funcionários” a mídia, nos apresenta a todo o momento novos produtos para consumo, seja na figura de uma pessoa ou como forma de produto artístico. Confere-se a estes a autoridade do número, da audiência, do poder de atrair atenções e uma infinidade de identificações com seus valores e simbologias. “De fatos, se muitas pessoas as olham com atenção, seu exemplo deve ser “superior” ao que um simples espectador ou uma simples espectadora poderia

aprender de sua própria experiência de vida” (BAUMAN, 2003, p. 64). Por tanto, o que se espera na sobreposição da “comunidade estética” é o seu contrário, a “comunidade ética”:

A comunidade que procuram seria uma comunidade *ética*, em quase tudo o oposto do tipo “estético”. Teria que ser tecida de compromissos de longo prazo, de direitos inalienáveis e ob obrigações inabaláveis, que, graças à sua durabilidade prevista (melhor ainda, institucionalmente garantida), pudesse ser tratada como viável dada no planejamento e nos projetos de futuro. (BAUMAN, 2009, p. 68)

É neste cenário de envolvimento superficiais e idolatria do individualismo, que o conceito de “comunidade ética” e “comunidade estética” são misturados e confundidos, acarretando no que Bauman chama de “discurso comunitário”:

Uma vez misturados, as importantes contradições que os opõem são falsamente apresentadas como problemas filosóficos e dilemas a serem resolvidos pelo refinamento do raciocínio – em lugar de serem apresentadas como o produto dos genuínos conflitos sociais que na realidade são. (2003, p. 68)

Os que pretendem se dispor a busca da “comunidade ética” terá a difícil e desafiadora tarefa de fortalecer seus membros de tal forma que o atrativo do conforto da “comunidade estética” não interfira no compromisso do fazer diferente. E é neste cotidiano de embates que os meios de comunicação comunitários travam suas lutas de resistência. Luta esta que, para Milton Santos, tem suas forças advindas da solidariedade que emerge do território. “O território é a base do trabalho, da resistência, da trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi” (SANTOS, 2002, p. 96).

A cultura de massa, da fértil industrial cultural, pretende formar um número cada vez maior de consumidores, unidos pelo desejo de posse e na prontidão por novidades. Na pretensão de manter seu mercado em ampla expansão, não há lugar para a valorização das expressões locais, das tradições, histórias, vivências, exposição das dificuldades e potencialidades de cada um. “Na “esfera da racionalidade hegemônica, pequena margem é deixada párea a variedade, a criatividade, a espontaneidade” (SANTOS, 2002, p. 120).

Se a cultura de massa cria elementos dos quais a humanidade possa de uma forma ou de outra se reconhecer na aparência, ela não pode garantir o mesmo na essência dos territórios onde as relações, a história de resistência e apoio mútuo prevalece como o maior bem; o bem que não se consome, mas se multiplica.

Sem dúvida, o mercado vai impondo, com maior ou menor força, aqui e ali, elementos mais ou menos maciços da cultura de massa, indispensável, como ela em ao reino do mercado, e a expansão paralela das formas de globalização econômica, financeira, técnica e cultural. Essa conquista, mais ou menos eficaz segundo os lugares e as sociedades, jamais é completa, pois encontra a resistência da cultura preexistente. (SANTOS, 2002. p. 144)

Os meios de comunicação de origem comunitária certamente não dispõem dos mesmos recursos dos grandes aglomerados da mídia, pelo Brasil e mundo, mas surge como uma negação do que está posto como “comum”, “o de todos”, “para todos”. Para sua existência pressupõe o envolvimento com o território, com suas expressões e respeito a sua diversidade e os que a representam. Mantê-lo exige criatividade, ousadia, união com as pessoas que o utilizam; busca constante de fortalecimento diante as imposições do mercado, da falta de apoio do Estado. É necessário investimento, não no capital financeiro, mas no humano.

A importância das relações humanas são tão fortes e essenciais na constituição e manutenção das comunidades que as delimitações físicas chegam a ficar em segundo plano. A

internet é um importante recurso na interação de pessoas de diferentes partes do mundo, quer seja por interesses pontuais ou no estabelecimento de profundas relações, que pode ter como bases ideologias, culturas, conceitos etc. Cicília Peruzzo, chama a atenção á existência da comunidade virtual, a qual “necessidade de portar características que conduzem com os conceitos de comunidade, o que descartaria aquelas de relacionamentos ocasionais, dispersos e de pouca organicidade” (2002, p. 82).

As comunidades virtuais surgem da materialidade, das expressões da realidade. São pautadas em interesses concretos de pertencimento e envolvimento. “Elas advém de uma prática na realidade concreta e a ela retornam. É a partir dela que se forma a partilha, a troca de conhecimentos e a confluência de interesses comuns” (PERUZZO, 2002, p. 86).

### **Comunicação de resistência**

Chamar a atenção da população aos problemas sociais, convidá-la a unir forças na perspectiva da conquista de melhores condições de vida aos indivíduos de uma comunidade, é e há décadas faz parte da rotina das centenas organizações não-governamentais, sem fins lucrativos, de interesse social, existentes pelo território nacional. São elas com mais ou menos recursos técnicos e/ou financeiros. De maiores ou menores abrangência de atendimento. Mas o que certamente todas têm em comum e a busca por estratégias em comunicar-se com os membros da comunidade.

A comunicação tem papel fundamental na dinâmica de uma Organização não-governamental. É por meio como ela se dá que é possível apresentar os trabalhos desenvolvidos, atrair novos adeptos á causa, apoiadores, financiadores e é claro, o público para o qual trabalha. Como recursos para a relação com o externo são utilizados de diversas mídias, mas uma delas está ganhando destaque: a internet.

Organizações não-governamentais valem-se da Internet enquanto canal público de comunicação, livre de regulamentações e controles externos, para disseminar informações que contribuam para o fortalecimento da cidadania e para uma melhor qualidade de vida. (MORAESs, 2002, p. 106-107)

A internet se configura em espaço democrático, que não apenas propicia o acesso á informação, mas proporciona o envolvimento e participação dos internautas. É neste espaço que se forma as redes virtuais, e que por vezes extrapolam o ambiente do ciberespaço.

As redes fomentadas por organizações não-governamentais partem de alguma necessidade concreta, vinculada à causa de atuação, seja ela para discutir os problemas que justificam sua existência, ou até mesmo como forma de conhecer os que por terra não se disponibilizariam com tanta facilidade. E é nesse conhecer, nessa interação, que surgem propósitos em comum, criam-se vínculos, objetivos que se aplicarão no cotidiano das relações físicas.

Estes espaços são também importantes suporte às redes de serviços dos territórios. Trata-se agora da uma rede física, que se forma a partir das exigências e orientações estabelecidas nas políticas públicas sociais. Formadas por serviços públicos e organizações não-governamentais, tem por meta o estabelecimento de estreitas relações, apoio na prestação de serviços à população e desburocratização dos atendimentos.

Tanto na rede “física” quanto na “virtual” é necessário a disposição de seus participantes no tecer dos objetivos. Contudo, os ciberespaços vêm ganhando cada vez mais adeptos por dispor de praticidade e rapidez de informação, mesmo que entre vizinhos.

Neste campo de possibilidades, os meios de comunicação comunitários são potenciais formadores de redes. Com este propósito que a rádio virtual do projeto

“Conectados” surgiu. Um espaço que, para além da informação, visa à aproximação dos atores sociais com a dinâmica do território e dá possibilidades de envolvimento com ele.

(...) a informação comunitária é balizada a curto prazo pela geração de material informativo debruçado sobre aspectos muito próximos da vida quotidiana das pessoas. Como projeto a longo prazo, os veículos dispõem-se a intervir formativamente, possibilitando um novo olhar sobre a realidade daqueles que representa. (PAIVA, SODRÉ, 2004, p.6)

A participação nas ações do projeto se dá por vezes em meio a interesses individuais, quando se busca um conhecimento na pretensão exclusiva da formação pessoal, sem qualquer intenção de realizar algo para o bem coletivo. Ao longo das atividades, incentivados a discussão e a investigação sobre os acontecimentos da região, muitos acabam por se interessar em produzir programas que coincidam com assuntos pertinentes a dinâmica do território.

(...) expressa uma demanda pela democratização da comunicação, um avanço do processo de empoderamento social das tecnologias e, ao mesmo tempo, contribuem para a integração na sociedade: revelam a existência de um outro mundo, tão real quanto desconhecido de muitos cidadãos. (PERUZZO, 2006, p. 124)

As organizações sociais que assumiram há anos fundamental papel na democracia e luta pelo acesso aos direitos sociais, criados e “esquecidos” pelo Estado, trazem para cada vez mais perto da população formas de se colocarem como protagonistas na construção da sua história diante as efervescentes perversidades criadas e mantidas pelo sistema capitalista.

Em alguma medida, esses grupos, classes ou blocos de poder dispõem de influências mais ou menos decisivas nos meios de comunicação, informação e propaganda, isto é, na mídia eletrônica e impressa, sempre funcionando também como indústria cultural. (IANNI, 2000, p. 165)

Seja no chão firme do território ou nas ondas livres da internet, as rádios comunitárias exercem função primordial na dinâmica dos que lá habitam. A rádio virtual, em especial, mesmo estando acessível a internautas de todo o mundo, é no ambiente de sua produção que se reconhece. É nele que emerge seu significado, que se realiza sua função na transformação social. É nele que se cumpre seu papel de comunicação de resistência.

### **Mais formação para informação**

Produzir ou reproduzir? Interiorizar ou analisar? Estas são ações realizadas em nosso dia-a-dia, mas que dificilmente paramos para identificá-las e interpretá-las. A relação entre o significado de uma ação e outra é muito mais complexa e urgente no desvendar de suas facetas, do que sua aparência singela apresenta.

Há como base de sustentação de um conceito e outro o “ter” e o “não ter”. Ter ou não o “conhecimento”. Nas fontes que exalam informações, postas por todos os lados, de diversas formas, nos ambientes que frequentamos e em que vivemos, fluem assuntos de todas as vertentes, carregadas de intenções, das quais nem sempre estamos ávidos a identificar.

Em “tempos de cartilhas”, a possibilidade de proporcionar o conhecimento aprofundado da realidade e reflexão acerca das relações sociais e seus impactos na sociedade, apresenta-se como um desafio necessário. Aprender sobre o uso das técnicas de comunicação não faz de seu executor usuário crítico e interventivo.

O acesso ao conhecimento do processo é muito mais importante, significante e transformador do que o resultado final. O uso ou a negação da informação que chega dependerá de como o indivíduo está preparado para interpretá-lo.

É neste contexto que mais uma vez os meios de comunicação comunitários exercem seu potencial de resistência, seguindo na contramão dos interesses de mercado. “O neoliberalismo concebe a educação como uma mercadoria, reduzindo nossas identidades às de meros consumidores, desprezando o espaço público e a dimensão humanista da educação” (GADOTTI, 2005, p.5).

O Terceiro Setor está crescendo não apenas como alternativa entre o Estado burocrático e o mercado insolidário, mas também como espaço de novas vivências sociais e políticas hoje consolidadas com as organizações não-governamentais (ONGs) e as organizações de base comunitárias (OBCs) Este está sendo hoje o campo mais fértil da educação popular. (GADOTTI, 2000, p. 6)

Cicília Peruzzo, também aponta para a importância da função desses espaços na formação dos indivíduos:

Parte-se do pressuposto de que se aprende não só nas escolas, colégios e nas universidades. Aprende-se também por intermédio dos meios de comunicação, na vivência cotidiana, nos relacionamentos sociais, nas reuniões das equipes, nas práticas comunicativas no âmbito da comunicação comunitária, nas oficinas visando melhoria do trabalho no rádio popular, ou seja, por dinâmicas de educação informal e não-formal. É neste âmbito que acontece a educomunicação comunitária. (2007, p. 80)

Refletir sobre o que se está produzindo e disseminando, analisar o que se está ouvindo e/ou enxergando, faz toda diferença no posicionamento do indivíduo na sociedade. Deter além da técnica o vasto conhecimento acerca de seu uso é fator primordial na construção de uma gestão participativa e democrática nos meios de comunicação comunitária. “De posse desse conhecimento, formulam espírito crítico capaz de compreender melhor a lógica da grande mídia. A melhor forma de entender a mídia é fazer mídia” (PERUZZO, 2007, p. 81).

O ambiente formal de ensino também apresenta importante papel nesse processo de formação. As redes sociais, os jogos *on-line*, os canais de vídeos, estão cada vez mais tomando o tempo dos jovens. Ganham pela estética atrativa e sensação de bem-estar que proporcionam á seus usuários. Certamente muito mais instigante do que o fatídico relacionamento, que comumente se estabelece, entre o limitante quadrado da carteira escolar e os escritos da lousa.

Enfrentar a tradição monocultural dos nossos currículos, as manifestações etnocêntricas das nossas práticas... é enfrentar a tradição “escolar” dos nossos currículos que desprezam o informal como “extra-escolar”, como “não-formal”... A informalidade é uma característica fundamental da educação do futuro. (GADOTTI, 2005, p.4)

É posto como desafio aos educadores dessa era, o “pensar” formas de tornar o conhecimento na escola tão instigante quanto é importante. “Inovar é mais importante do que reproduzir com qualidade o que existe” (GADOTTI, 2000, p.9). E ao Estado, criar mecanismo que viabilizem o acesso mais igualitário ás tecnologias. “É essencial combater a infoexclusão de populações de baixa renda e adotar políticas públicas que intensifiquem os usos sociais, culturais, educativos e políticos das tecnologias” (MORAES, 2007).

### **Desafios da gestão**

As atividades desenvolvidas por organizações sociais, em ações comunitárias, vêm de encontro com a necessidade de superar problema advindo desta sociedade de extremas contradições, regidas pelo capital. “Não é que o Estado se ausente ou se torne menor. Ele apenas se omite quanto ao interesse das populações e se torna mais forte, mais ágil, mais presente, ao serviço da economia dominante” (SANTOS, 2002, p. 66).

Para além da oferta de serviços de atendimentos pontuais, hoje, mais do que nunca, as organizações sociais exercem o papel da garantia de um espaço de articulação entre os atores sociais, onde possam se reconhecer, se solidarizar e mobilizar forças para fazer do local de onde estão mais que moradia, mas lugares de ação, reação e superação.

Esperar que o Estado, se chamado ou pressionado adequadamente, fará algo palpável para mitigar a insegurança da existência não é muito mais realista do que esperar o fim da seca por meio de uma dança da chuva. Parece cada vez mais claro que o conforto de uma existência segura precisa ser procurado por outros meios. (...) A “defesa do lugar”, vista como condição necessária de toda segurança, deve ser uma questão do bairro, um “assunto comunitário” (BAUMAN, 2003, p. 102).

Desta forma, as ações das organizações sociais tendem a ser planejadas e criadas sob estratégias pensadas para sua realização e sustentação. Estas ações previamente planejadas, necessariamente surgem para a resolução de algum problema. Foi desta forma, exercendo sua função social e seu potencial na articulação com o seu entorno, e na perspectiva de possibilitar espaço acessível à comunicação democrática, formação e participação da população nesse processo, que a Fundação Nossa Senhora Auxiliadora do Ipiranga criou o “Conectados”. O problema que vislumbra cessar é a ausência de espaços para criação, produção, discussão e disseminação da comunicação de âmbito local.

Contudo, o fato de existir um problema e ações concretas para sua possível superação, não significa que necessariamente este terá sucesso em sua finalidade e, sequer que atinja seu público-alvo. Os gestores do projeto em questão apontaram como dificuldades: baixa participação dos serviços da instituição nas atividades; pouco recurso financeiro para aquisição de equipamentos e dificuldades em realizar todas as atividades propostas.

O envolvimento das pessoas em ações comunitárias é um processo que necessita paciência e perseverança. As ações se envolvem em um ambiente de forte dinamismo, onde as relações perpassam as fronteiras dos territórios, sejam elas físicas ou virtuais. No entanto, a crescente procura pelo projeto e a necessidade que está posta para sua ampliação, demonstra a importância que tornou para seus participantes. O que fica como um desafio a ser trabalhado é o envolvimento dos serviços.

São serviços de atenção a crianças, adolescentes e a idosos. Em todos há o trabalho de equipe técnica multidisciplinar, as quais estão em constantes discussões sobre os desdobramentos das atividades desenvolvidas em cada Unidade de atendimento. Todos sabem do projeto de comunicação que a instituição mantém e desenvolve, mas ninguém, até o momento, se propôs a realizar uma atividade permanente. Está deixando passar um importante meio de trabalho, que se faz cada vez mais necessário sua utilização nos ambientes de educação formal e informal:

A inclusão da comunicação com mais desenvoltura nas escolas e nos próprios cursos que formam professores nas áreas da Educação, faria jus à importância crescente da mídia na sociedade, melhoraria as condições de aprendizagem, contribuiria para desmistificar a mídia e despertar o interesse em apropriar-se dela. Afinal, vivemos a era da sociedade da informação e da comunicação. (PERUZZO, 2007, p. 86)

A questão financeira, assim como em tantos outros projetos sociais, é mais um problema que necessita de atenção e criação de estratégias para o seu enfrentamento, no



entanto, neste caso ainda há agravantes. Para a efetivação do projeto não basta apenas à vontade de um grupo ou mesmo a necessidade de sua realização. É imprescindível um norte, um meio, um recurso que dá sustentação a iniciativa, por vezes, quando se trata de projetos culturais isso acontece por intermédio das ações do Estado, mais como um coadjuvante do que protagonista, pois este papel principal, o de destaque, com a vigência do liberalismo, fica para o mercado.

“E então veio o gradual desmantelamento da estrutura de serviços do Estado a que as partes principais das políticas de vida costumavam estar conectadas, e um deslocamento e flutuação dessas políticas para o domínio presidido por um mercado de consumo calcado na incurável fragilidade das rotinas e sua rápida substituição – suficientemente rápida para evitar qualquer cristalização em hábitos ou normas.” (BAUMAN, 2007, p. 78)

No caso do “Conectados”, sua implantação se efetivou por financiamento de um Programa da Secretaria Municipal de Cultura, que sem fugir da lamentável regra, cria um critério de avaliação, seleção e condições de apoio as iniciativas culturais da cidade. Levantando a bandeira de apoiadores das iniciativas de jovens, dos diversos territórios periféricos da cidade, dando condições de “alavancarem” suas propostas e seguirem para novos caminhos de sucesso e realizações no campo da arte, o Programa VAI<sup>26</sup>, financia todo ano projetos com prazo de validade pré-estipulado em seu próprio edital. As dezenas de projeto patrocinado anualmente recebem o suficiente para permanecerem “em cena” por um curto período. Muitas vezes, os jovens (são eles o foco do Programa), não tendo outras fontes de apoios financeiros, não conseguem manter seus trabalhos por longos períodos, são por vezes massacradas por outras iniciativas culturais com maior valorizações simbólicas ou econômicas. “A qualidade ou a importância dada a uma obra de arte é, portanto, um contexto relativo (...) são sobretudo outros critérios, e não a qualidade, o fator decisivo para que alguns trabalhos sejam projetados mais ou menos numa sociedade” (SMIERS, 2006, p. 18).

No término dos oito meses de financiamento pelo Programa Municipal, o projeto “Conectados” não obteve mais nenhum apoio do Estado, mesmo apresentando novas propostas de implementação<sup>27</sup>. Presta serviço à comunidade, apóia as expressões artísticas, propicia espaço de comunicação entre os atores sociais, e mesmo assim é tratado como qualquer outro produto de mercado que surge, faz o que tem que fazer e se dilui no espaço, na esperança de permanecer ao menos por um breve período de tempo na memória de seus consumidores.

Projetos como este, mesmo pelo Estado, não são visto muito além de meras mercadorias, que necessitam ser apresentadas como objetos de competição, carregando um valor que não depende exclusivamente de sua criação. São obrigados a carregar outros objetivos, que já não fazem parte da sua constituição, o de mudar constantemente, de dissolver o que não garantiu espectadores para criar outras atrações. Estão à mercê da cultura líquida moderna:

“A cultura líquida-moderna não se percebe mais como uma cultura do aprendizado e do acúmulo, como as outras registradas nos relatos de historiadores e etnógrafos. Parece, em vez disso, uma cultura do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento.” (BAUMAN, 2007, p. 84)

Mais do que a preocupação em garantir qualidade nos trabalhos e espaço de participação, os gestores se despendem em uma busca constante e cruel de meios de

<sup>26</sup> - Sobre o Programa VAI acesse: [www.programavai.blogspot.com.br](http://www.programavai.blogspot.com.br)

<sup>27</sup> - Edital de chamamento para financiamento de projetos culturais, ano 2012 e 2013.

manterem um trabalho de importância para toda sociedade, seja como uso, ou como exemplo. Passa grande parte do tempo de seus planejamentos mais na discussão de como se apresentar em meio a tantos produtos culturais, na tentativa de apoio para sua permanência do que em atividades essenciais a sua realização.

Como terceiro ponto levantado á respeito dos problemas no desenvolvimento do projeto está na realização de todas as atividades previstas. Infelizmente, essa situação é comum entre as organizações do terceiro setor. Com poucos recursos, poucos funcionários e crescentes atividades em curso, acabam por direcionarem seus gestores aos cuidados de várias tarefas ao mesmo tempo. Evidentemente ocasiona um prejuízo ao trabalho, mesmo é claro, sem qualquer intenção voluntária. Como ponto positivo: a necessidade do envolvimento da população usuária na manutenção e participação no gerenciamento se torna cada vez mais urgente e buscada.

Entre impasses e avanços, o gestor tem papel imprescindível no desenvolvimento do projeto, sendo de sua competência compreender o contexto social de forma “macro” e atuar de forma “micro”. Estabelecer estratégias de ação para alcançar o resultado esperado, implantar, implementar e avaliar as ações, organizando e buscando recursos para tanto. Outro aspecto importante de sua atuação é potencializar os pontos positivos já existentes e transformar os que não contemplarem as necessidades da ação pretendida. Tende a valorização e potencialização das expressões culturais, visando objetivos específicos, por meio de procedimentos amplamente planejados e estrategicamente executados, sem desvincular de sua essência, a qual fatalmente, em projetos como este, não seguem os mesmos rumos dos interesses hegemônicos.

### **Considerações finais**

O projeto surgiu, assim como toda criação humana, de uma necessidade apresentada, percebida por um grupo de profissionais atuantes em atividades comunitárias de uma organização social, na perspectiva da garantia de direitos e o acesso ao que hoje é ao mesmo tempo tão perto e tão longe, as expressões e produções culturais locais, tanto quanto sua valorização simbólica como um referencial do processo sócio-histórico da região e dos que lá habitam. O projeto se constituiu na perspectiva que “a cultura opera mudanças em nossas experiências imediatas, abre o tempo com o novo, faz emergir o que ainda não foi feito, pensado e dito” (CHAUI, 2006, p. 136), valorizando, sobretudo, a participação da comunidade no processo de aprendizado de novas técnicas e utilizando essas como meio para novas realizações.

Hoje, mesmo enfrentando dificuldades em seu desenvolvimento, tem um valor importantíssimo como meio de comunicação de resistência. Resiste a cada dia as imposições e peripécias da cultura de massa. É resistente porque tem como força maior o envolvimento dos que o constrói e lhe dão sentido de existência, de permanecer na luta e principalmente na busca por mais possibilidades. Pois é no investimento na maior riqueza que a sociedade detém que se pode ter a esperança de condições de vida mais digna. É necessário valorizar o potencial humano, envolver-se com as novas tecnologias, sem perder as bases ideológicas que dão significado e combustível na busca incessante, desafiadora e imprescindível de uma outra sociedade.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*. 1º edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. 2º edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. *Política Nacional de Assistência Social*. Resolução nº 145 de 15 de outubro de 2004.
- CHAUÍ, Marilena. *Cidadania Cultural: o direito a cultura*. 1º edição. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- GADOTTI, Moacir. *Atuais Perspectivas da educação*. Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo, abril/junho de 2000, vol. 14, nº 2, p. 3-11.
- GADOTTI, Moacir. *Informação, conhecimento e Sociedade em Rede: que potencialidades?*. Revista Educação, Sociedade e Culturas. São Paulo, ano 2005, nº 23, p. 43-57.
- IANNI, Octavio. *Enigmas da modernidade-mundo*. 1º edição. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, São Paulo, 2000.
- MORAES, Dênis de. *Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas*. Sergipe, maio/agosto de 2007, vol. IX, nº 2.
- MORAES, Dênis de. *Mídia e globalização neoliberal*. Disponível em: Sergipe, maio/agosto de 2007, vol. IX, nº 2. p.7-20.
- PAIVA, Raquel. (Org.). *Ética, cidadania e imprensa*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.
- PAIVA, Raquel; SODRÉ, Muniz. *O sequestro da fala comunitária*. Revista Científica Internacional – Inter Science Place, ano 2006, nº 1.
- PERUZZO, Cicília M. K. *Comunidades em Tempos de Rede*. In. PERUZZO, C.M.K.; COGO, Denise; KAPLÚN, Gabriel. (Org.). *Comunicación y movimientos populares: ¿Quais redes?*. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2002, nº 43, p. 67-84.
- PERUZZO, Cicília M. K. *Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências*. Revista Comunicação e Sociedade. São Bernardo do Campo, ano 2005, nº 43, p. 67-84.
- PERUZZO, Cicília M. K. *O rádio educativo e a cibercultura nos processos de mobilização comunitária*. CONFEDERACIÓN IBEROAMERICANA DE ASOCIACIONES Y ACADÉMICAS DE LA COMUNICACIÓN. Realização: Escola de Comunicações e Artes. São Paulo, 1º a 14 de agosto de 2011.
- PERUZZO, Cicília M. K. *Rádio comunitária, educomunicação e desenvolvimento local*. In. PAIVA, Raquel. (Org.). *O Retorno da Comunidade: os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2007, p. 243-258.
- PERUZZO, Cicília M. K. *Rádios comunitárias: entre controvérsias, legalidades e repressão*. In. MELO, José M.; GOBBI, Maria C.; SATHLER Luciano. (Org.). *Mídia Cidadã: utopia brasileira*. São Paulo: Editora Universidade Metodista, 2006, p. 183-192.
- PERUZZO, Cicília M. K. *Rádio comunitária na internet: empoderamento social das tecnologias*. Revista FAMECOS. Porto Alegre, agosto de 2006, nº 30, p. 115-125.
- PERUZZO, Cicília Maria Krohling. *Televisão comunitária: dimensão pública e participação cidadã na mídia local*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 9º edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.
- SMIERS, Joost. *Artes sob Pressão: promovendo a diversidade cultural na era da globalização*. 1º edição. São Paulo: Escrituras Editora, 2006.